

CASTRO ALVES

---

# VOZES D'AFRICA

---

NAVIO NEGREIRO

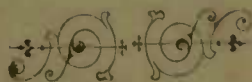
---

FAGUNDES VARELLA

---

## CANTICO DO CALVARIO

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO MELHORADA



RIO DE JANEIRO

A' VENDA

NA LIVRARIA ACADEMICA DE J. G. DE AZEVEDO

33 RUA DA URUGUAYANA 33

---



CASTRO ALVES

---

# VOZES D'AFRICA

---

NAVIO NEGREIRO

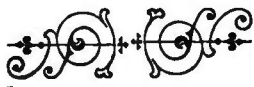
---

FAGUNDES VARELLA

---

# CANTICO DO CALVARIO

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO MELHORADADA



RIO DE JANEIRO

A' VENDA

NA LIVRARIA ACADEMICA DE J. G. DE AZEVEDO

33 RUA DA URUGUAYANA 33



## VOZES D'AFRICA

Deus ! ó Deus ! onde estás que não respondes ?  
Em que mundo, em qu'estrella tu t'escondes  
    Embuçado nos céus ?  
Ha dous mil annos te mandei meu grito,  
Que embalde desde então corre o infinito...  
    Onde estás, Senhor Deus ?...

Qual Prometheo, tu me amarraste um dia  
Do deserto na rubra penedia,  
    Infinito galé !...  
Por abutre—me deste o sol ardente,  
E a terra de Suez — foi a corrente,  
    Que me ligaste ao pé...

O cavallo estafado do Beduino  
Sob a vergasta tomba resupino,  
    E morre no areal,  
Minha garupa sangra, a dôr poreja  
Quando o chicote do *simun* dardeja  
    O teu braço eternal.

Minhas irrãs são bellas, são ditosas..  
Dorme a Asia nas sombras voluptuosas

Dos *harens* do Sultão.  
Ou no dorso dos brancos elephantes  
Embala-se coberta de brilhantes  
Nas Plagas do Indostão.

Por tenda — tem os cimos de Hymalaya...  
O Ganges amoroso beija a praia  
Coberta de coraes...  
A brisa de Mysore o céu inflamma ;  
E ella dorme nos templos do Deus Brahma,  
Pagodes colossaes...

Europa é sempre Europa, a gloriosa !...  
A mulher deslumbrante e caprichosa,  
Rainha e cortezan.  
Artista—córta o marmor de Carrára ;  
Poetisa — tange os hymnos de Ferrára  
No glorioso afan !...

Sempre o laurel lhe cabe no litigio...  
Ora uma *c'roa*, ora o *barrete-phrygio*  
Emflora-lhe a cerviz.  
O Universo após ella — doudo amante —  
Segue captivo o passo delirante  
Da grande meretriz

.....

Mas eu, Senhor !... Eu triste abandonada  
Em meios das areias esgarrada,  
Perdida marcho em vão !  
Si choro... bebe o pranto a areia ardente ;  
Talvez... P'ra que meu pranto, ó Deus clemente !  
Não descubras no chão !

E nem tenbo uma sombra de floresta  
Para cobrir-me, nem um templo resta  
    No sólo abrazadór...  
Quando subo ás pyramides do Egypto,  
Embalde aos quatro céos chorando grito :  
    « Abriga-me, Senbor !... »

Como o propheta em cinza a fronte envolve,  
Vello a cabeça no areial que volve  
    O siróco feroz...  
Quando eu passe no Sáhara amortalhada ..  
Ai ! dizem : - La vae a Africa embuçada  
    No seu branco albornoz.

Nem vêem que o deserto é meu sudario,  
Que o silencio campeia solitario  
    Por sobre o peito meu.  
Lá no sólo onde o cardo apenas medra  
Boceja o Spbinge colossal de pedra  
    Fitando o morno céu.

De Thebas nas columnas derrocadas  
As cegonbas espiam debuçadas  
    O horizonte sem fim..  
Onde branqueja a caravana errante,  
E o camello monotono, arquejante  
    Que desce de Ephraim...

Não basta inda de dôr, ó Deus terrivel ? !...  
E' pois teu peito eterno, inexbaurivel  
    De vingança e rancor ?...  
E o que é que fiz, Senhor ? ! que torvo crime  
Eu commetti jámais que assim me opprime  
    Teu glaudio vingador !... »

Foi depois do *diluvio*... Um viajante  
Negro, sombrio, palido, arquejante  
Descia do Ararat...  
E eu disse ao peregrino fulminado :  
« Chan, serás o meu esposo bem amado...  
Serei tua Eloá !... »

Desde este dia, o vento da desgraça  
Por meus cabellos ululando, passa  
O anathema cruel ;  
As *tribus* erram do areial nas vagas,  
E o *Nomada* faminto corta as plagas  
No rapido corcel.

Vi a sciencia desrtar do Egypto...  
Vi meu povo seguir — Judéo maldito —  
Trilho de perdição...  
Depois vi minha prole desgraçada,  
Pelas garras d'Europa—arreatada,  
Amestrado falcão !...

Christo ! embalde morreste sobre um monte...  
Teu sangue não lavou de minha fronte  
A mancha original.  
Ainda hoje são, por fado adverso...  
Meus filhos — alimaria do Universo...  
Eu — pasto universal...

Hoje em meu sangue a America se nutre  
—Condor que transformára-se em abutre,  
Ave da escravidão.  
Ella juntou-se ás mais...irmã traidora !  
Qual de José os vis irmãos outrora  
Venderão seu irmão.



Basta, Senhor ! De teu potente braço  
Role através dos astros e do espaço  
    Perdão para os crimes meus . . .  
Ha dous mil annos...eu soluço um grito...  
Escuta o brado meu lá no infinito...  
    Meu Dens ! Senhor, meu Deus ! ! ! . . .





# NAVIO NEGREIRO



# NAVIO NEGREIRO

(TRAGEDIA NO MAR)

## I

'Stamos em pleno mar !... Doudo no espaço  
Brinca o luar—dourada borboleta ;  
E as vagas apoz elle, correm... cançam  
Como turba de infantes inquieta !

'Stamos em pleno mar... Do firmamento  
Os astros saltam como espumas d'ouro...  
O mar em troca accende as ardentias  
— Costelações do liquido thesouro !...

'Stamos em pleno mar !... Dous infinitos  
Ali se estreitam n'um braço insano...  
Azues, dourados, placidos, sublimes !...  
Qual dos dous é o céu ?... Qual o Oceano ?

'Stamos em pleno mar... abrindo as vélas  
Ao quente arfar das virações marinbas,  
Veleiro brigue corre á flor dos mares,  
Como roçam na vaga as andorinbas !

D'onde vem ? onde vai ? Das náos errantes  
Quem sabe o rumo, se é tão grande o espaço  
Neste sabara os corceis o pó levantam,  
Galopam, voam, mas não deixam traço !...

Bem feliz quem ali pôde n'est'hora  
Sentir d'este painel a magestade !...  
Embaixo o mar... em cima o firmamento...  
E no mar e no céu— a immencidade !

Oh ! que doce harmonia traz me a briza !  
Que musica suave ao longe sóa !  
Meu Deus ! como é sublime um canto ardente  
Pelas vagas sem fim boiando a tóa !

Homens do mar ! O' rudes marinheiros  
Tostados pelo sol dos quatro mundos !  
Crianças que a procella acalentára  
No berço destes pelagos profundos !

Esperai ! Esperai !... Deixai que eu beba  
Esta selvagem, livre poesia ;  
Orchestra—é o mar que ruge pela prôa,  
E o vento que nas cordas assobia !...

Porque foges assim, barco ligeiro ?  
Porque foges do pavidio poeta ?  
Oh ! quem me dera acompanhar-te a esteira  
Que semelhas no mar—dôudo cometa !

Albatroz ! Albatroz aguia do oceano,  
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,  
Sacode as pennas, Leviathan do espaço !...  
Albatroz ! Albatroz ! da-me estas azas !...

---

11

Desce do espaço immenso, o' aguia do oceano !  
Desce mais... ainda mais... não póde olhar humano  
Como teu, mergulhar no brigue voador !...  
Mas que vejo eu abi ?!..que quadro d'amarguras !...  
Que funerio cantar !...que tetricas figuras !...  
Que scena infame e vil, meu Deus! meu Deus, 'que horror!!

III

Era um sonho dantesco !... o tombadilho  
Que das luzernas avermelha o brilho,  
    Em sangue a se banhar !...  
Tinir de ferros, estalar de açoute...  
Legiões de homens negros como a noite  
    Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo ás tétas  
Magras creanças, cujas bocas pretas  
    Rega o sangue das mães :  
Outras, moças, mas núas e espantadas  
No turbilhão de espectros arrastadas  
    Em ancia e magua vãs !

E ri-se a orchestra ironica e estridente...  
E da ronda phantastica a serpente  
    Faz doudas espiraes...  
Se o velho arqueja...se no chão resvala  
Ouvem-se gritos, o chicote estala...  
    E vóam mais e mais !...

Leza nos élos de uma só cadeia,  
A multidão faminta cambaleia  
    E chora e dança ali !  
Um de raiva delira, outro enlouquece,  
Outro que de martyrios embrutece  
    Cantando, geme e ri !...



**No entanto, o capitão manda a manobra**  
**E apoz fitando o céu que se desdobra**  
    **Tão puro sobre o mar,**  
**Diz do fumo entre os densos nevoeiros :**  
**« Vibrae riço o chicote, marinheiros !**  
    **Fazei-os mais dançar !... »**

**E ri-se a orchestra, ironica e estridente**  
**E da ronda phantastica a serpente**  
    **Faz doudas aspiraes**  
**Qual n'um sonho dantesco as sombras voam,**  
**Gritos, ais, maldições preces resoam !...**  
    **E ri-se Satanaz !**

---

IV

Senhor Deus dos desgraçados !  
Dizei-me vós, Senhor Deus,  
Se é mentira... se é verdade  
Tanto horror perante os céos ? !  
O' mar, porque não apagas  
Co'a esponja de tuas vagas  
De teu manto este borrão ?  
Astros ! noutes ! tempestades !  
Rolae das immensidades !  
Varrei os mares, tufão !,..

Que importa do nauta o berço,  
D'onde é filho, qual seu lar ?  
Ama a cadencia do verso  
Que lhe ensina o velho mar !  
Cantai ! que a morte é divina !  
Resvala o brigue á bolina  
Como golphinho velóz.  
Preza ao mastro da mezena,  
Saúdosa bandeira acena,  
A's vagas que deixa apoz !...

Do hespanhol as cantilenas,  
Requebradas de langór,  
Lembram as moças morenas,  
As andaluzas em flór!  
Da Italia o filho indolente,  
Canta Veneza dormente,

— Terra de amor e traição,  
Ou do golpho no regaço  
Relembra os versos de Tasso  
Junto ás lavas do vulcão !

O Inglez,— marinheiro frio  
Que ao nascer, no mar se achou ;  
(Porque a Inglaterra é um navio,  
Que Deus na Mancha ancorou ),  
Rijo entôa patrias glorias,  
Lembrando orgulhoso historias  
De Nelson e de Aboukir...  
O Francez—predestinado  
Canta os louros do passado  
E os loureiros do porvir !...

Os marinheiros helenos  
Que a vaga Ionia creou,  
Bellos piratas morenos  
Do mar que Ulysses cortou.  
Homens que Phydias talhára,  
Vão cantando em noute clara  
Versos que Homero gemeu !...  
Nautas de todas as plagas,  
Vós sabeis achar nas vagas  
As melodias do céu !...

Quem são esses desgraçados  
Que não encontram em vós,  
Mais que o rir calmo da turba,  
Que excita a furia do algoz ?  
Quem são? Se a estrella se cala  
Se a vaga oppressa resvala

Como um complice fugaz,  
Perante a noite confusa...  
Dize-o tu, severa Musa,  
Musa liberrima--audaz!...

São os filhos do deserto  
Onde a terra esposa a luz,  
Onde vive em campo aberto  
A tribu dos homens nús.  
São os guerreiros ouzados  
Que com os tigres mosqueados  
Combatem na solidão!...  
Hontem simples, fortes, bravos...  
Hoje miseros escravos  
Sem ar, sem luz, sem razão!...

São mulheres desgraçadas,  
Como Agar o foi também,  
Que sedentas, alquebradas  
De longe... bem longe vêm!  
Trazendo com tibios passos  
Filhos e algemas nos braços  
N'alma — lagrimas e fel!...  
Como Agar soffrendo tanto  
Que nem o leite do pranto  
Tem que dar para Ismael!

Lá nas areias infindas  
Dos palmeirae no paiz,  
Nasceram—creanças lindas  
Viveram—moças gentis!...  
Passa um dia a caravana  
Quando a virgem na cabana

Scisma da noute nos veus!  
Adeus, ô choça do monte!  
Adeus, palmeiras da fonte!  
Adeus, amores!... adeus!

Depois o areal extenso!  
Depois o oceano de pó!  
Depois—no horisonte immenso  
Desertos .. desertos só!  
E a fome, o cansaço, a séde,  
Ai! quanta infeliz que céde!  
E cae pr'a não mais s'erguer  
Vaga um logar na cadeia  
Mas o chacal sobre a areia  
Acha um corpo que roer!

Hontem a Serra Leôa,  
A guerra, a caça ao leão,  
O somno dormido á tóa  
Sob as tendas da amplidão!  
Hoje... o porão negro, fundo  
Infecto, apertado, immundo;  
Tendo a peste por jaguar...  
E o somno sempre cortado  
Peló o arranco de um finado  
E o baque de um corpo ao mar...

Hontem plena liberdade  
A vontade por poder!...  
Hoje...cum'lo de maldade!  
Nem são livres pr'a morrer!  
Prende-os a mesma corrente  
Ferrea, lugubre serpente

Nas roscas da escravidão  
E assim zombando da morte  
Dança a lugubre cohorte  
Ao som do açoute !... Irrisão !...

Senhor meu Deus dos desgraçados !  
Dizei-me vós, Senhor Deus  
Se é mentira... si é verdade  
Tanto horror perante os céos ? !  
O' mar, porque não apagas  
Có'a esponja de tuas vagas  
Astros ! noutes ! tempestades  
Rolae das immensidades  
Varrei os mares, tufão !...

---

---

V

Existe um povo que a bandeira empresta  
Para cobrir tanta infamia e covardia !...  
E deixa-a transformar-se nesta festa  
Em manto impuro de bacchante e fria !...  
Meu Deus ! Meu Deus, mas que bandeira é esta,  
Que impudente na gaveta tripudia ?  
Silencio Musa... chora e chora tanto  
Que o pavilhão se lave no teu pranto !...

Auri-verde pendão de minha terra,  
Que a brisa do Brazil beija e balança,  
Estandarte que a luz do sol encerra  
As promessas divinas da esperança...  
Tu que da liberdade após a guerra  
Foste hasteado dos heróis na lança,  
Antes te houvessem rôto na batalha  
Que servires a um povo de mortalha !...

Fatalidade atroz que a mente esmaga  
Extingue nesta hora o brigue immundo  
O trilho que Colombo abriu nas vagas  
Como um iris no pélago profundo !  
Mas é infamia de mais !... Da etherea plaga  
Levantai-vos heroes do Novo-Mundo !...  
Andrada ! arranca esse pendão dos ares !  
Colombo ! fecha a porta dos teus mares !





# CANTICO DO CALVARIO

(FAGUNDES VARELLA)



# CANTICO DO CALVARIO

---

Eras na vida a pomba predilecta  
Que sobre um mar de angustias conduziás  
O ramo da esperança.— Eras a estrella  
Que entre as nevas do inverno scintillava  
Apontando o caminho ao pegureiro.  
Eras a messe de um dourado estio.  
Eras o idyllo de um amor sublime.  
Eras a gloria,—a inspiração,—a patria.  
O porvir de teu pai !—Ah ! no entanto,  
Pomba,—varou-te a flecha do destino !  
Astro,—enguliu-te o temporal do norte  
Tecto, cahiste !—Crença, já não vives !

Correi, correi oh ! lagrimas saudosas,  
Legado acerbo da ventura extincta,  
Dubios archotes que a tremer claream  
A touseira fria de um sonhar que é morto !  
Correi ! Um dia vos verei mais bellas  
Que os Monumentos de Ophir e de Gôngonda  
Fulgurar na corôa de martyrios  
Que me circumda a fronte scismadora !

São mortos para mim da noite os fachos,  
Mas Deus vos faz brilhar, lagrimas santas,  
E á vossa luz caminharei nos ermos !  
Estrellas do soffrer,—gottas de magoa,  
Brando orvalho do céu !—Séde bem ditas !  
Oh ! filho de minh'alma ! Última rosa  
Que neste solo ingrato vicejava !  
Minha esperança amargamente doce !

Quando as garças vierem do occidente  
Buscando um novo clima onde pousarem,  
Não mais te embalarei sobre os joelhos,  
Nem de teus olhos no ceruleo brilho  
Acharei um consolo a meus tormentos !  
Não mais invocarei a musa errante  
Nesses retiros onde cada folha  
Era um polido espelho de esmeralda  
Que reflectia os fugitivos quadros  
Dos suspirados tempos que se foram !  
Não mais perdido em vaporosas scismas  
Escutarei ao pôr do sol, nas serras,  
Vibrar a trompa sonora e leda  
Do caçador que aos lares se recolhe !

Não mais ! A areia tem corrido, e o livro  
De minha infinda historia está completa !  
Pouco tenho de andar ! Um passo ainda  
E o fructo de meus dias, negro, podre,  
Do galho eivado rolará por terra !  
Ainda um threno, e o vendaval sem freio  
Ao soprar quebrará a ultima fibra  
Da lyra infausta que nas mãos sustenho !  
Tornei-me o écho das tristezas todas  
Que entre os homens achei ! O lago escuro

Onde ao clarão dos fogos da tormenta  
Miram-se as lavas funebres do estrago !  
Por toda a parte em que arrastei meu manto  
Dexei um traço fundo de agonias !.. .

Oh ! quantas horas não gastei sentado  
Sobre as costas bravias do Oceano,  
Esperando que a vida se esvabisse  
Como um floco de espuma, ou como o friso  
Que deixa n'agua o lenho do barqueiro !  
Quantos momentos de loucura e febre  
Não consumi perdido nos desertos,  
Escutando os rumores das florestas,  
E procurando nessas vozes torvas  
Distinguir o meu cantico de morte !  
Quantas noites de angustias e delirios  
Não velei, entre as sombras espreitando  
A passagem veloz do genio horrendo  
Que o mundo abate ao galopar infrene  
Do selvagem corcel ?.. . E tudo embalde !  
A vida parecia ardente e douda  
Agarre-se a meu ser !.. . E tu tão joven,  
Tão puro ainda—ainda n'alvorada,  
Ave banhada em mares de esperança,  
Rosa em botão, cystalida entre luzes  
Foste o escolhido na tremenda ceifa !

Ah !quando a vez primeira, em meus cabellos  
Senti bater teu halito suave ;  
Quando em meus braços te cerrei, ouvindo  
Pulsar-te o coração divino ainda ;  
Quando fitei teus olhos socegados,  
Abysmos de innocencia e de candura  
E baixo e a medo murmurei : meu filho !

Meu filho! phrase immensa, inexplicavel,  
Grata como o chorar de Magdalena  
Aos pés do Redemptor. . . ah ! pelas fibras  
Senti rugir o vento incendiado  
Desse amor infinito que eternisa  
O consorcio dos orbes que se enredam  
Dos mysterios do ser na téa augusta !  
Que prende o céo á terra e a terra aos anjos !  
Que se expande em torrentes ineffaveis  
Do seio immaculado de Maria !

Cegou-me tanta luz ! Errei, fui homem !  
E de meu erro a punição cruenta  
Na mesma gloria que elevou-me aos astros,  
Chorando aos pés da cruz hoje padeço !

O som da orchæstra, o retombar dos bronzes  
A voz mentida de rafeiros bardos,  
Torpe alegria que circumda os berços  
Quando a opulencia doura-lhe as bordas,  
Não te saudarão ao sorrir primeiro,  
Clicia mimosa rebentada á sombra !  
Mas ah ! se pompas, esplendor faltaram-te,  
Tiveste mais que os príncipes da terra !  
Templos, altares de affeição sem termos !  
Mundos de sentimento e de magia !  
Cantos dictados pelo proprio Deos !  
Oh ! quantos reis que á humanidade aviltam,  
E o genio esmagam dos soberbos thronos,  
Trocariam a purpura romana  
Por um verso, uma nota, um som apenas  
Dos fecundos poemas que inspiraste !  
Que bellos sonhos ! Que illusões bemditas !  
Do cantor infeliz lançaste á vida,

Arco-iris de amor ! Luz da alliança,  
Calma e fulgente em meio da tormenta !  
Do exilio escuro a cithara chorosa  
Surgio de novo e ás virações errantes  
Lançou diluvios de harmonia !—O gozo  
Ao pranto succedeu . As ferreas horas  
Em desejos alados se mudaram.  
Noites fugiam, madrugadas vinham,  
Mas sepultado n'um prazer profundo  
Não te deixava o berço descuidoso,  
Nem de teu rosto meu olhar tirava,  
Nem de outros sonhos que dos teus vivia !

Como eras lindo ! Nas rosadas faces  
Tinhas ainda o tepido vestigio  
Dos beijos divinaes,—nos olhos langues  
Brilhava brando raio que acendéra  
A bençã do Senhor quando deixastes !  
Sobre o teu corpo a chusma dos anginhos,  
Filhos do ether e da luz, voavam,  
Riam-se alegres, das caçoilas niveas  
Celeste aroma te vertendo ao corpo !  
E eu dizia comigo:—teu destino  
Será mais bello que o cantar das fadas  
Que dançam no arrebol,—mais triumphante  
Que o sol nascente derribando ao nada  
Muralhas de negrume ! . . . Irás tão alto  
Como o passarô rei do Novo Mundo !

Ai ! doudo sonho ! . . . Uma estação passou se,  
E tantas glorias, tão risonhos planos  
Desfizeram-se em pó ! O genio escuro  
Abrasou com seu facho ensanguentado

Meus soberbos castellos. A desgraça  
Sentou-se em meu solar, e a soberana  
Dos sinistros imperios de além-mundo  
Com seu dedo real sellou-te a fronte !  
Inda te vejo pelas noites minhas,  
Em meus dias sem luz vejo ainda,  
Creio-te vivo, e morto te pranteio ! . . .

Ouço o tanger monotono dos sinos,  
E cada vibração contar parece  
As illusões que murcham-se contigo !  
Escuto em meio de confusas vozes,  
Cheias de phrases pueris, estultas,  
O linho mortuario que retalham  
Para envolver teu corpo ! Vejo esparsas  
Saudades e perpetuas, — sinto o aroma  
Do incenso das igrejas, — ouço os cantos  
Dos ministros de Deos que me repetem  
Que não és mais da terra ! . . . E choro em balde  
Mais não ! Tu dormes no infinito seio  
Do Creador dos seres ! Tu me fallas  
Na voz dos ventos, no chorar das aves,  
Talvez das ondas no respirar febril !  
Tu me contemplas lá do céu, quem sabe;  
No vulto solitario de uma estrella.  
E são teus raios que meu estro aquecem !  
Pois bem ! mostra-me as voltas do caminho !  
Brilha e fulgura no azulado manto,  
Mas não te arrojes, lagrimas da noite,  
Nas ondas nebulosas do occidente !  
Brilha e fulgura ! Quando a morte fria  
Sobre mim sacudira o pó das azas,  
Escadas de Jacob serão teus raios  
Por onde asinha subirá minh'alma.

---



# EXTRACTO DO CATALOGO

DAS EDIÇÕES DA

Livraria de J. G. DE AZEVEDO

33 Rua da Uruguayana 33

---

AMOR pelos cabellos, scena comica. . . . .	\$200.
BIBLIOTHECA brasileira (romances e poesias), 6 volumes . . . . .	3\$000
CONSELHEIRO dos amantes (cartas amorosas para ambos os sexos), 1 vol. . . . .	1\$000
CONFERENCIA do Dr. Vicente de Souza— o Im- perio e a escravidão, 1 vol. . . . .	\$500
CERRAÇÃO no mar, scena dramatica ; Cegueira ou bebedeira, idem . . . . .	\$200
CODIGO dos Jesuitas, contendo a monita se- creta desta celebre sociedade, 1 vol. . . . .	\$500
CONSTITUIÇÃO da Republica Brasileira appro- vada pelo Congresso. . . . .	1\$000
DICCIONARIO das Flores ou manual dos namora- dos, 1 vol. . . . .	\$500
DESPEDIDA de João Brandão, 1 vol. . . . .	\$200
DOCEIRA domestica (a) ou collecção de receitas, pela maior parte novas, de doces, podins, tortas, conservas, pasteis, licores, etc., por D. Anna Corrêa, 2 <sup>a</sup> ed. 1 vol. . . . .	2\$000
FESTA (A) e a Caridade e Douda de Albano, (poe- sias), 1 vol. . . . .	\$200
HISTORIA de um marinheiro, seguida da canção do marujo, scena comica, 1 vol. . . . .	\$200

JUDIA (a) e Noivado do Sepulchro (recitativos) 1 vol. . . . .	\$200
LIVRO dos sonhos com a explicação, 1 vol. . .	\$500
LYRA do Trovador (modinhas e recitativos), 2 volumes . . . . .	1\$000
LITTERATURA (curso) brazileira ou escolha de varios trechos em prosa e verso de auto- res nacionaes antigos e modernos, pelo Dr. Mello Moraes Filho, 1 vol. enc.	3\$000
MEMORIA sobre o emprego do sulfato de qui- nino, pelo Dr. João Francisco de Souza, 1 vol.	\$600
MEU amigo Banana, scena comica, 1 vol . .	\$200
MANUAL de Economia politica, pelo conselheiro Pedro Autran da Matta Albuquerque, 2ª edi- ção (1880), 1 vol. . . . .	3\$000
MORGADINHA de Val-Flor, drama em 5 actos, por Pinheiro Chagas, 1 vol.	1\$000
REGIMENTO das custas judiciaes annotado com todas as decisões do governo desde a sua promulgação até hoje (1879), pelo Dr. Tho- maz Argemiro F. Chaves, 2ª edição, 1 vol.	1\$000
SERÕES FLUMINENSES, a melhor collecção de recitativos modernos até hoje publicada, 4ª edição, 1 vol. . . . .	1\$000
SR. (o) José do capote, scena comica, 1 vol.	\$200
TRES ESTADOS (os), esboço positivista, por Mi- guel A. Feitosa, 1 vol. . . . .	1\$000
UM Alho, scena comica, 1 vol. . . . .	\$200
ULTIMO dia de um condemnado á morte, por Victor Hugo, 1 vol. . . . .	\$500





A' VENDA NA MESMA CASA:

# O Segredo da Solteirona

Por MARLITT

1 vol. de 175 pag. --- PREÇO 1\$000

## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).